

As mentiras do nacionalismo

O nacionalismo moderno é um perigo internacional
— O nacionalismo exagerado é um crime — O nacionalismo que adora a Pátria é uma blasfêmia

Bélgica, 8 de Agosto

Uma das grandes características dos nossos tempos, um dos maiores sintomas da hora que passa é o extremo exagero do sentimento nacional. O patriotismo, na concepção dos tempos modernos, impelo o homem a considerar a pátria como uma entidade santa.

Para a maior parte das correntes nacionalistas, a Pátria é a entidade suprema acima da qual nada existe.

A Pátria tem em si a razão de si mesma. Não tem outro fim que ela mesma.

Quem não tem ouvido, em discursos inflamados de patriotismo, a evocação angrada da missão histórica da Pátria?

Quem não se tem sentido vibrar de entusiasmo, aclamando de alma em festa o de coração aos pulos, a Pátria estrangulada?

Ora todos estes sentimentos nacionalistas são bons, necessários, indispensáveis, quando contidos nos devidos limites. Levando ao exagero, a esse exagero que se nota por todo o mundo, são um perigo para a humanidade e para a tão desejada paz internacional.

O mal-estar geral que atormenta a Europa tem uma das suas principais causas aqui.

O desequilíbrio económico internacional, a desconfiança mútua de nação para nação, que muito bem pode decantar em ódio entre as nações, tudo isto enfim que nos faz viver em constante sobresalto, é, em grande parte, efeito deste nacionalismo, deste patriotismo exagerado, exageradíssimo, dos tempos actuais.

Para o povo alemão, como o vimos na última carta, nada existia em 1914 que pudesse tor dilacões contra o Direito da Alemanha. Hoje não existe mais a unidade da litologia.

Para o nacionalismo francês, tudo o que é francês é sagrado, não porque seja bom, mas porque é... francês!

Para o fascismo italiano é Roma a suprema incarnação de tudo o que há de mais venerável no mundo.

A Alemanha acredita que era a imortal dominadora do mundo inteiro... e fez a guerra, para o ser.

A França julga-se o apogeu do centro do mundo, notavelmente do mundo católico. A sua política internacional é de uma transparência, segundo a acusação de muitos.

A Itália, por sua vez, não se orgulha com nada menos do que com o humilde título de «Centro luminoso e dominador da civilização da Europa e do mundo». De

vontade de vir a literatura da imprensa italiana.

Este, nacionalismo, que existem mais ou menos por toda a parte, geram um egoísmo nacional, tão forte, tão criminoso, com esse egoísmo pessoal, filho natural e lógico das doutrinas dos séculos dezoito e dezanove.

Este aspecto das doutrinas nacionalistas modernas, era já suficiente para as encaramos com desconfiança e, as combatemos criteriosamente. Mas há mais ainda e muito pior ainda.

É que o nacionalismo tendo a tornar-se uma religião!

As naturais expansões do patriotismo, nas horas solenes que a Pátria vive, não são mais do que uma exaltação passageira, sem graves consequências. Muitas vezes até de óptimas consequências. Abram o leiam a nossa história. Mas o nacionalismo tem a sua filosofia. E esta é perigosíssima. Esta filosofia pretende formar a sua religião, a sua metafísica, a sua moral.

A Pátria já não se ama. A Pátria adora-se, como se adora a Deus.

Os heróis nacionais transformam-se em santos e vão-se colocar piedosamente no altar da Pátria!

Mas não imaginem que os termos empregados se usam aqui no sentido de transposto, adaptado. Para os nacionalistas eles tem o sentido que lhes é próprio. Para eles tudo isto é lógico porque a nação, a Pátria, são o fim último do homem! Não inventamos. Querem citações?

Vassard, nas conclusões do seu «Inquérito sobre o nacionalismo» frisa, entre outras, as seguintes passagens:

«A nacionalidade, diz o Judeu Israel Zangwill, será talvez a única religião do futuro».

E mais abaixo nota as palavras de Maurice Barrès, a propósito da entrada dos franceses em Metz:

«Era na imensidão do ar livre uma solenidade do igreja, um silêncio piedoso, a adoração da França».

"NOVIDADES"
15/AGOSTO/1931

A tendência do nacionalismo exagerado, do nacionalismo dos descrentes, é de substituir as religiões actuais por um culto novo, um culto que não tenha descrentes: o culto, a adoração da Pátria!

Como precisa documentação (aí vai o Credo fascista citado pela «Documentation Catholique» de 13 de Fevereiro de 1928):

«Eu creio em Roma, eterna e intangível, minha mãe-pátria o centro luminoso e dominador da civilização da Europa e do mundo; e na Itália, sua filha única e gloriosíssima; a qual nasceu por virtude maravilhosa de Deus, do seu virgem e fecundo do génio, da sabedoria, da ciência e da arte; sofreu sob o poder do bárbaro invasor, foi crucificada, desmembrada, sepultada; desceu à tumba do seus antepassados para lhes retomar a alma e o coração, o sentimento e o pensamento e por eles resuscitou no século XIX; subiu ao céu da sua glória em 1918 e em 1922 pelo triunfo do Vittorio Veneto e pela vitória resgatadora do fascismo; está sentada à direita de sua mãe, Roma, intangível e eterna; de lá julga os vivos e os mortos. Eu creio no génio restaurador de Mussolini e no espírito bom, valeroso e activo do povo italiano; no Santo Padre o fascismo, na comunhão dos Mártires dos Alpes, do mar, das ruas e das praças com todos os seus partidários; na conversão dos italianos afastados e traidores, ou seja por sua própria vontade, ou pela graça da lei severa; na restauração do Império Romano e na sua vida imortal e gloriosa. Amém».

Tal é, em toda a sua rudeza, a tendência da nacionalismo moderno!

Quem poderá medir-lho as consequências?

Se mais não houvesse, este sentimento bastaria para reconduzir o género humano à barbárie.

Tal nacionalismo não é mais nem menos do que um regresso à idolatria, ao culto dos pagãos pela Cidade, à ressurreição dos deuses da pátria, do culto por César, do autêntico paganismo!

Contra os novos bárbaros dos nacionalismos exagerados clamemos com a Igreja:

«O particularismo das nações só se pode admitir na medida em que ele serve ao bem comum da humanidade, na medida em que aumenta a fraternidade humana, na medida em que promove um mútuo socorro internacional».

Esta, e só esta, a verdadeira doutrina. A Igreja foi sempre o há-de ser sempre a única e segura propulsora do progresso humano. Os que se afastam dela transformam-se facilmente em novos bárbaros. A prova aí fica.

A. V.